UM AÇOUGUE CLANDESTINO EM DESTERRO NO FINAL DO SÉCULO XVIII: O SALVAMENTO ARQUEOLÓGICO DO SÍTIO CASA NATAL DE VICTOR MEIRELLES, FLORIANÓPOLIS - SC

Fabiana Comerlato

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar os resultados do salvamento arqueológico do sítio Casa Natal de Victor Meirelles. A pesquisa resultou na evidenciação de estruturas construtivas do edifício e de bolsões de lixo com grande quantidade de material cerâmico e ósseo bovino, além de uma estrutura de pedras e tijolos. Os dados históricos e arqueológicos permitiram inferir que este local era um açougue clandestino, que esteve em funcionamento no final do século XVIII, em razão de uma crise de abastecimento da carne na Vila de Nossa Senhora do Desterro.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia histórica, Salvamento arqueológico, Casa Natal de Victor Meirelles.

ABSTRACT

The objective of this article is to present the results obtained from the archaeological rescue of Casa Natal de Victor Meirelles site. This research resulted in the revelation of constructive structures of the building and of the waste sites with a large quantity of ceramic material and bovine bones, as well as a rock and brick structure. The historic and archaeological data allowed one to infer that this location was the site of a clandestine butchery, which was working at the end of the XVIII century, due to a crisis in the meat supply for Vila de Nossa Senhora do Desterro.

KEYWORDS: Historic archaeology, Rescue archaeology, Victor Meirelles' house.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo apresentar os resultados das prospecções arqueológicas efetuadas no piso térreo da Casa Natal de Victor Meirelles, hoje Museu Victor Meirelles. Esta pesquisa teve caráter de salvamento[i] e aconteceu concomitante à execução da reforma realizada no local. Constatada a presença de louça no sedimento abaixo do madeiramento do assoalho e por precisar rebaixar 25cm para ventilação dos barrotes, tornou-se necessária a execução de uma escavação emergencial com o objetivo de recuperar as informações arqueológicas que seriam perdidas.

A Casa Natal de Victor Meirelles é um sobrado luso-brasileiro localizado no centro histórico de Florianópolis. A construção de uma residência no local remonta a meados do século XVIII, quando a vila de Nossa Senhora do Desterro tinha como núcleo principal a igreja matriz, a casa de Câmara e cadeia, o mercado e o palácio do governo. Dentro deste eixo central, as habitações foram edificadas, sendo estas casas singelas de um só pavimento ou sobrados de abastados comerciantes e funcionários do governo dos séculos XVIII e XIX.

Neste núcleo central as primeiras moradias construídas eram de pau-a-pique e cobertas de palha, sendo lentamente substituídas por casas de alvenaria de tijolos e pedras brutas (VEIGA, 1993, p. 75). Estas 'moradinhas de casas' dos imigrantes açorianos e madeirenses eram casas térreas de porta e janela com 1½ ou 2 braças de frente feitas de pedras brutas, geralmente geminadas e estreitas. Estas pequenas casas de gente humilde geralmente tinham o seguinte programa arquitetônico: sala, alcova e varanda (CABRAL, 1979, p. 217-218).

Contemporâneas às 'moradinhas de casas', existiam as casas térreas residenciais mais sólidas, maiores e requintadas. Porém, a sua planta baixa seguia o modelo das casas mais humildes. As casas térreas do século XIX também se diferenciavam pela entrada lateral da casa através de um pequeno portão.

Os sobrados aparecem no começo do século XIX e representam o crescimento do comércio e do porto de Desterro. Em 1823, Desterro foi elevada à categoria de cidade e ao adquirir o *status* de capital da província, as atividades comerciais, portuárias e administrativas gradualmente começaram a ganhar maior importância. Disto resulta uma crescente distinção social: os sobrados são, neste momento, as casas da elite e o símbolo da prosperidade dos seus donos. Segundo Oswaldo Rodrigues Cabral, o largo do palácio possuía o maior número de sobrados, totalizando o número de quatorze, sem contar os da administração pública (1979, p. 244).

O naturalista francês Auguste Saint-Hilaire, botânico de formação, em sua estada na Ilha de Santa Catarina, em 1820, faz referência às casas vistas e frequentadas por ele em Nossa Senhora do Desterro (1978, p. 170):

As casas, feitas comumente de tijolo ou de pedra, caiadas e cobertas com telhas são em sua maioria muito bem conservadas. De um modo geral são maiores do que as comumente encontradas nas cidades do interior, vendo-se muitas de dois pavimentos, com vidraças nas janelas e construídas com bom gosto.

Em 1832, o sobrado onde nasceu Victor Meirelles era uma dentre as 852 edificações comerciais e residenciais existentes na cidade de Desterro. Muito se escreveu sobre a vida e obra de Victor Meirelles, entretanto, sobre sua Casa Natal, em que residiu até a adolescência, falta ainda pesquisar. Não se sabe ao certo a data de sua construção. Estima-se, pelo estilo arquitetônico, que tenha sido construída entre o final do século XVIII e o começo do século XIX. Em intervenção na parede lateral na parte superior da escada, foi feita uma prospecção arquitetônica que apontou para a existência de uma antiga cumeeira. Este dado revela a possibilidade desta edificação ter sido inicialmente uma casa térrea sendo, posteriormente, transformada em sobrado (informação verbal)[ii].

A casa foi definida tipologicamente como um sobrado de esquina no estilo luso-brasileiro, onde o pavimento térreo servia de armazém de secos e molhados e o pavimento superior era a residência da família de Victor Meirelles. Este padrão residencial-comercial vigorou na maioria das ruas da antiga Desterro no século XIX: "Os sobrados tinham por finalidade conjugar o binômio moradia-comércio num só edifício, numa época em que não havia meios de transporte que possibilitassem um deslocamento rápido e eficiente entre a habitação e o ponto de negócios." (VEIGA, 2008, p. 190)

O sobrado faz esquina com as ruas Victor Meirelles e Saldanha Marinho, distante apenas 50 metros da atual Praça XV de Novembro (VEIGA, 1993, p. 39). Ao longo de sua história, estas ruas tiveram outros nomes. A rua Victor Meirelles já foi denominada de Pedreira e dos Artigos Bélicos; a rua Saldanha Marinho de rua Padre Domingos, rua das Rosas, rua do Açougue e rua da Conceição (SILVA, 1999, p. 135). Esta parte leste à Praça da Matriz (atual XV de Novembro), teve seu traçado urbano preservado com vias perpendiculares e paralelas a mesma, como é o caso da Rua Victor Meirelles (VEIGA, 2008, p. 190).

Figura 1: Localização do Museu Victor Meirelles no centro de Florianópolis. Google Maps, 2010.

Referente à arquitetura, esta construção colonial apresenta linhas simples e planta retangular com maior extensão no sentido da profundidade (SOUZA, 1992, p. 21). Suas características são comuns às casas da época:

> [...] alvenaria de pedra, tijolos e estuque; portas, janelas, soalho e escada feitos em canela. Por dentro, sobressaem as salas interligadas por um corredor e uma alcova; por fora, sua implantação sobre o alinhamento da rua, sem recuos, a cobertura em telha de cerâmica em forma de capa e canal, os beirais do tipo beira-seveira, as janelas com postigos cegos de madeira. (IPHAN, 2002, p. 31).

Após o uso da casa pela família Meirelles, o sobrado passou por vários proprietários até ser adquirido pelo SPHAN[iii] em 1946. No século XX outras destinações também lhe foram dadas, tendo sido bar, residência de um professor e restaurante (com o nome de Oriente). Em 1952, após algumas reformas, a casa transformou-se em museu tendo como acervo inicial as obras do artista oriundas do Museu Nacional de Belas Artes (IPHAN, 2002; TURAZZI, p. 2009, 9).

Quanto ao registro de reformas, sabe-se da substituição do assoalho em 1969, obra coordenada pelo arquiteto Ciro Gomes. Somente em 2001, durante a última reforma no assoalho, a Casa Natal de Victor Meirelles foi objeto de estudo arqueológico. Nas próximas páginas apresentaremos os resultados desta intervenção e a discussão dos resultados,

possibilitando, assim, obter uma interpretação dos usos deste espaço ao longo do tempo, através da análise dos documentos escritos, iconográficos, arquitetônicos e arqueológicos.

As Prospecções arqueológicas

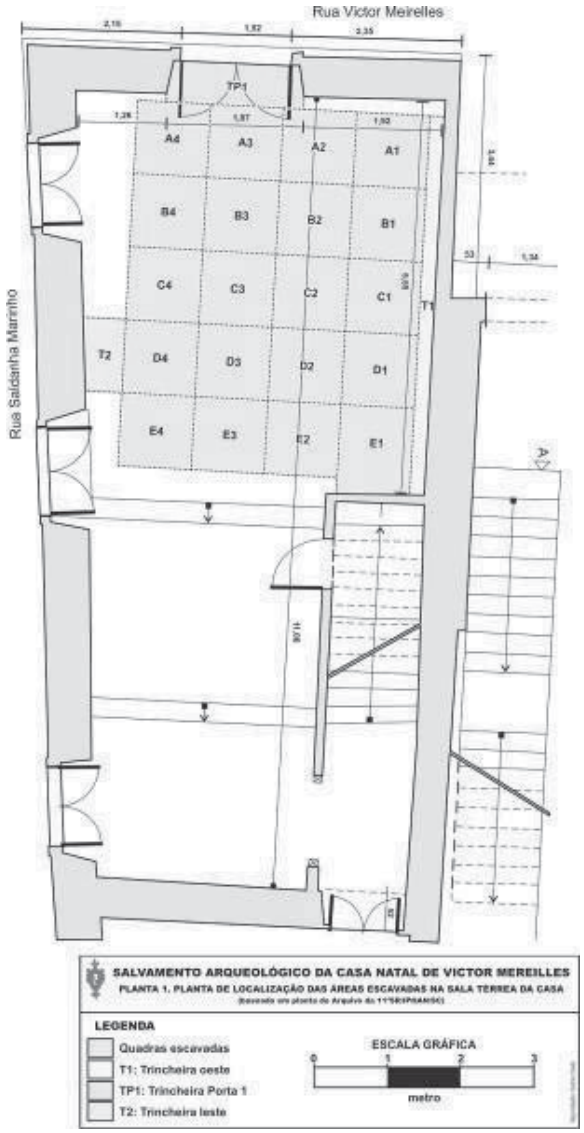

Figura 2: Planta de localização das áreas escavadas na sala térrea da Casa Natal de Victor Meirelles. Desenho: 11ªSR/ IPHAN/SC. Reprodução digital: Carlos Costa.

As prospecções arqueológicas no sítio Casa Natal de Victor Meirelles ocorreram em função de uma ação emergencial empreendida pela 11ªSR/IPHAN/SC. As etapas desta ação obedeceram aos seguintes critérios metodológicos:

1) *Escavação da sala térrea, que teve controle espacial através de malha de quadriculamento alfa-numérica de 1mx1m, e de profundidade por níveis artificiais de 10 cm em 10 cm, tomando-se cuidado para separação dos diferentes níveis naturais; aliado a isto ocorreu a abertura de trincheiras contíguas as paredes laterais (T1 e T2) e a evidenciação da soleira da porta frontal (TP1) (fig. 2);*
2) *Registro das evidências arqueológicas e mapeamento dos artefatos encontrados através de fichas de registro (quadrículas), fotografias e anotações de campo;*
3) *E acondicionamento prévio do material coletado.*

Este salvamento consistiu no registro das evidências antrópicas – sejam fixas ou móveis e o próprio contexto estratificado – e na coleta sistemática da cultura material em contexto de deposição.

Através da abertura das escavações foi possível verificar a estratigrafia abaixo do tabuado, até mesmo onde foi retirado sedimento sem o acompanhamento arqueológico pelos operários da obra de restauro (barro vermelho utilizado para nivelar o terreno e contrapisos), sendo posteriormente iniciada a pesquisa arqueológica (fig. 3).

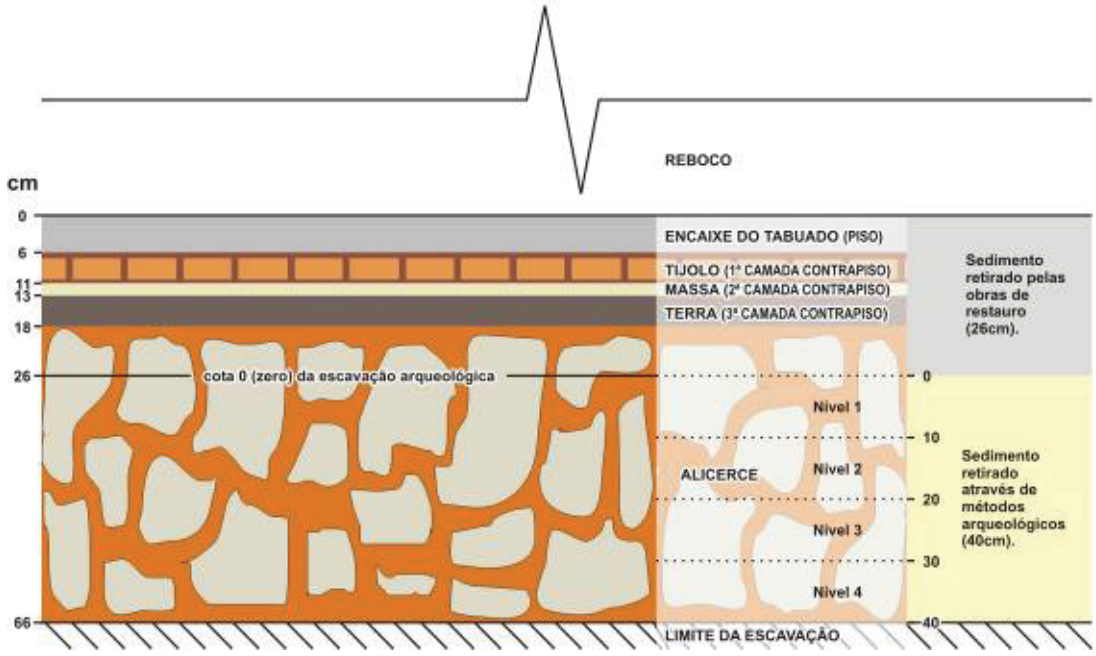

Figura 3: Estratigrafia da parede e relação com a escavação arqueológica, trincheira oeste (T1) Desenho: Carlos Costa.

A exposição da estratigrafia do local permitiu reconhecer um solo totalmente formado por ação antrópica, com camadas de poucos centímetros de materiais orgânicos (terra preta e mais arenosa), intercalados com camadas de aterro (barro). Foram identificadas áreas de maior concentração de material ósseo e de cerâmica, principalmente da porção noroeste da

sala térrea. Na quadrícula A1, apareceu uma camada de cinzas resultante de um único descarte, além de parte de um recipiente de cerâmica vidrada.

As escavações foram finalizadas com a evidenciação dos alicerces da parede leste e a retirada das últimas peças encontradas. Além de exemplares cerâmicos, vítreos, metálicos e ósseos, as escavações permitiram identificar: um alicerce da parede frontal e outro alicerce da parede leste (estrutura 1), ambos de alvenaria de pedras com argamassa.

Figuras 4 e 5: Vista geral da escavação com destaque para a Estrutura 1. Fotos: Fabiana Comerlato.

ANÁLISE DO MATERIAL ARQUEOLÓGICO MÓVEL

Material cerâmico

O material cerâmico compreende diferentes categorias que "[...] abrange todos os produtos derivados de uma composição de argila e outras substâncias minerais, postos ao cozimento para obter solidez e inalterabilidade." (PILEGGI *apud* TOCCHETTO *et al.,* 2001, p. 21). Entre as cerâmicas foram identificadas: faianças (portuguesa e fina), porcelanas, grés, cerâmicas de torno e roletadas sem decoração, cerâmicas de torno e roletadas com decoração, cerâmicas vidradas com esmalte na face interna, face externa e faces interna/externa. As partes da vasilha/recipiente a que pertenciam os fragmentos foram como borda, bojo, base, tampa, alça e bico.

Em relação ao estado de conservação, foi observado se a peça encontrava-se com a superfície desgastada ou não. Nos casos em que a desagregação da superfície foi total, impossibilitando analisar qualquer item, foi classificado como *missing*[iv]. Conforme a tabela 1, o total de cerâmica coletada e arrolada foi de 5.874. Deste universo, temos o predomínio de cerâmicas sem decoração, faiança fina e de cerâmica de torno vidrada na face interna. O

número total de faianças foi computado em 1.614 fragmentos. Destes foi identificada a presença de faiança portuguesa e faiança fina. Dentre as partes de faiança identificadas, ½ dos fragmentos fazem parte do bojo e ¼ da borda.

Tabela 1
Quantidade total de fragmentos por tipo de cerâmica

Material	Quantidade	Porcentagem
Cerâmica de torno ou roletada sem decoração	2948	51%
Faiança (portuguesa e fina)	1614	27%
Cerâmica com vidrado interno	713	12%
Sem informação	227	4%
Cerâmica com vidrado interno e externo	146	2%
Cerâmica de torno ou roletada com decoração	142	2%
Cerâmica com vidrado externo	42	1%
Porcelana	39	1%
Grés	03	0%
Total	**5874**	**100%**

Foram identificados alguns tipos de faianças portuguesas: a faiança de pasta branca e esmalte branco com decoração da borda em linhas azuis e motivos vinhosos; faiança de pasta alaranjada sem decoração; faiança com esmalte branco e decoração de linhas verdes e linha ziguezague vinhosa junto à borda; faiança com pasta alaranjada com duas faixas pretas na borda e faiança com pasta avermelhada e decoração de dois frisos pretos junto à borda e no interior da peça motivos em verde e preto.

Por sua vez, as faianças finas são de origem inglesa, sendo o tipo de louça doméstica mais popular no Brasil do século XIX, logo após a abertura dos portos em 1808. Ao longo do século XIX, o mercado brasileiro consumiu uma variedade de padrões decorativos de peças de serviço à mesa (TOCCHETTO *et al.*, 2001, p. 22).

Podemos identificar alguns padrões decorativos e formas entre o material escavado: pratos, travessas e malgas de faiança fina com superfície sem modificação e pintura; pratos de faiança fina com superfície modificada, não pintada, do padrão *Royal Rim,* com período de fabricação entre fins do século XVIII e primeira metade do século XIX; faiança fina pintada à mão livre, com decoração em motivo floral, com período de fabricação entre 1810 a 1860; faiança fina pintada a mão livre, com decoração caracterizada por duas linhas paralelas, que delimitam linha ondulada entre pontos, na cor azul; canecas, malgas e pratos de faiança fina pintada a mão livre com decoração caracterizada por linhas paralelas de mesma espessura, que delimitam as abas e as bordas dos pratos, seguidas de semicírculos unidos por pontos, na cor azul; pratos de faiança fina decorada pela técnica *transfer printing*

com o padrão *Shell Edged,* com superfície modificada, de cor azul e verde, com período de fabricação entre 1780 a 1860; faiança fina carimbada, com motivos de figuras geométricas e frisos, policrômicos, fabricados entre 1845 até o início do séc. XX.

Outros materiais cerâmicos tiveram pouca expressão numérica, a exemplo da porcelana e do grés. Com relação ao grés, foram encontrados somente quatro fragmentos de garrafas (2 bases, 1 bojo e 1 bico). Dentre estes fragmentos a peça mais expressiva coletada foi uma base de garrafa de grés com pasta de coloração cinza e corpo cilíndrico.

A porcelana foi computada em 39 fragmentos, sendo ½ do total de partes do bojo e ¼ de bordas. Dentro deste tipo de cerâmica, encontram-se as com pintura de friso em dourado, pintadas à mão.

A cerâmica de torno vitrificada ou vidrada é bastante comum nos sítios arqueológico-históricos em Florianópolis (FOSSARI, 1992; COMERLATO, 1998). A tecnologia desta cerâmica foi trazida pelos açorianos e madeirenses no século XVIII, instalando-se importantes centros de produção em Nossa Senhora do Desterro e em outras freguesias próximas nos séculos XIX e XX. Ainda hoje este tipo de cerâmica vidrada, de uso utilitário e decorativo, é fabricado nas olarias da Ponta de Baixo no município de São José.

Apesar de abundante na tralha doméstica encontrada nos sítios brasileiros do período colonial, a cerâmica vidrada ainda não foi objeto de estudo sistemático nas pesquisas realizadas no país. Por sua produção persistir desde a colonização luso-açoriana até a atualidade, seria interessante verificar as permanências e transformações de formas, técnicas e usos deste tipo de cerâmica. Em 1948, Oswaldo Cabral já expunha a ideia de um estudo comparativo entre a cerâmica da Ilha de Santa Catarina e arredores com a dos Açores: "útil seria se pudessem vir dos Açores, se não exemplares da que lá se fabrica, pelo menos fotografias de todas elas, para que possamos comparar a louça de lá e a louça de cá e verificar as modificações que o tempo e as necessidades do uso introduziram na indústria." (CABRAL, 1948, p. 24).

No sítio estudado, a maioria das cerâmicas tem superfície vidrada vitrificada apenas na face interna, totalizando 713 fragmentos com predomínio de partes oriundas do bojo (77%), como é o caso de potes que eram utilizados para o armazenamento de líquidos. Isto tem uma razão prática: impermeabiliza a peça e evita que o líquido infiltre pelas paredes do vasilhame durante o armazenamento. Em algumas peças identificamos alguns pingos verdes presentes no vidrado.

Os fragmentos com vidrado externo e interno/externo aparecem em menor proporção em relação ao total das cerâmicas, sendo maior a quantidade de bojos. Preliminarmente, a forma dos artefatos sugere recipientes como panelas, potes, tigelas e alguidares, utilizados para a produção de alimentos e para o armazenamento (fig. 6 e fig. 7).

A cerâmica sem vitrificação representa metade das cerâmicas. Os fragmentos considerados como *missing* indicam que os mesmos foram trabalhados por agentes erosivos e sofreram rolamento em outra área, tendo sido, posteriormente, transportados para o local que foi escavado, configurando um depósito secundário de material.

Figura 6: Camadas de cinzas e cerâmica vitrificada na quadrícula A1, N-4. Foto: Fabiana Comerlato.

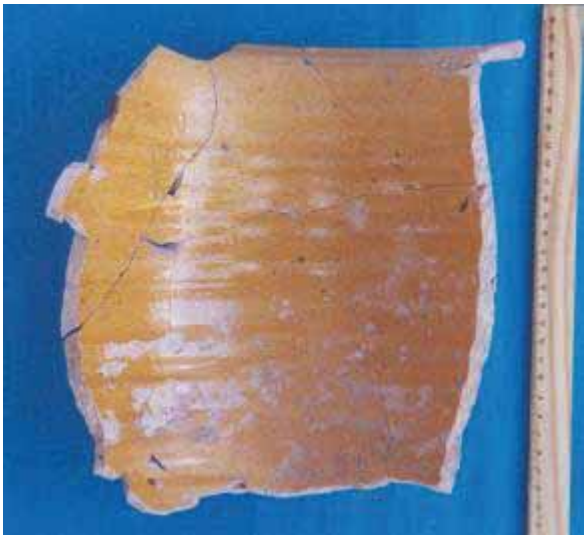

Figura 7: Reconstituição do vasilhame, provavelmente utilizado para o armazenamento de líquidos. Foto: Fabiana Comerlato.

Também foram encontradas várias cerâmicas de torno (sem vitrificação) com pasta de coloração vermelha e com superfície externa avermelhada, provavelmente por decorrência do tratamento de superfície dado às peças (engobe). Em geral, tratam-se de recipientes de maiores proporções como vasilhas e jarros. Dentre as peças exumadas, coletamos parte de um tipo de moringa de cerâmica de torno avermelhada com bico e alça (fig. 8). Jean Baptiste Debret, na descrição de sua viagem ao Brasil publicada pela primeira vez em 1834, descreve e ilustra várias de suas pranchas com este tipo de moringa, como sendo um vaso de pequenas dimensões que servia para beber diretamente nele, mantendo a água fresca. O viajante dá informações detalhadas sobre este tipo de moringa: "[...] varia de um a três palmos de altura, encontra-se também na Itália e na parte meridional da França; sua dimensão maior exige uma alça mais perfeita para suporta-lhe o peso, um funil para enchê-lo e um gargalo pequeno que torne fácil a embocadura." (DEBRET, 1989, p. 58)[v].

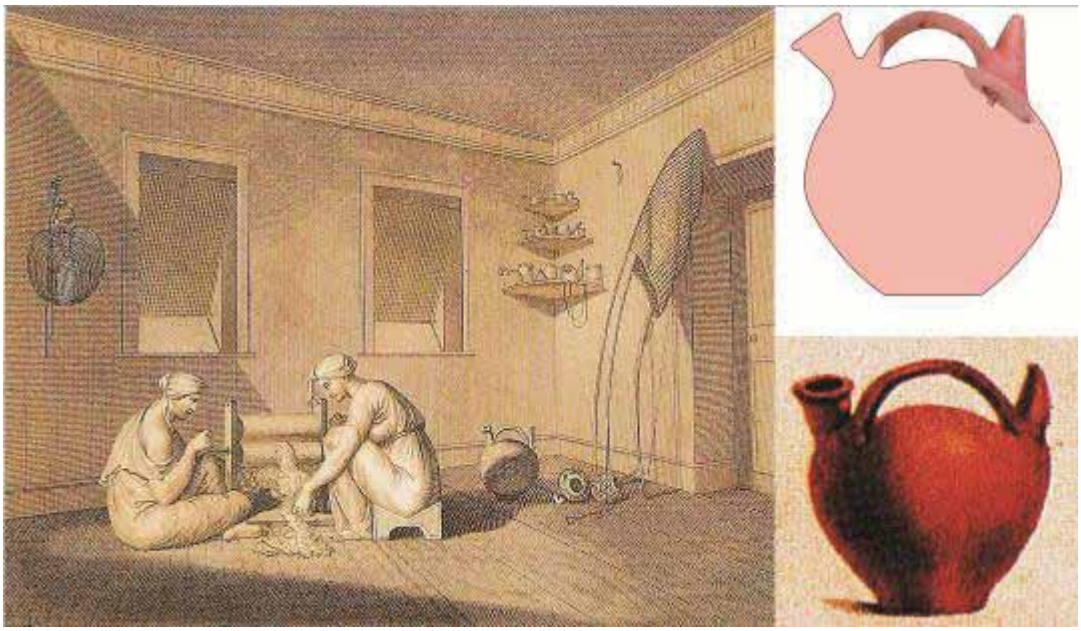

Figura 8: *Interior de uma casa no Brasil (Ilha de Santa Catarina)*, destaque para a recipiente no lado inferior direito da imagem. Litografia de autoria de Langsdorff, 1813, tamanho original 16 x 20 cm (ADONIAS & FURRER, 1993, p. 304). Reconstituição da forma de uma moringa, a partir de um fragmento de cerâmica de torno avermelhada com bico e alça (peça CVM4526) e a mesma peça nas aquarelas de Debret (1989). Foto da peça: Fabiana Comerlato. Reconstituição: Carlos Costa.

Em sua maioria, a categoria de cerâmica roletada com decoração é pouco expressiva numericamente (142 fragmentos). Apesar disto, conformam um indicador da produção local de grupos de origem afro-brasileira, a exemplo das partes de vasilhames e de cachimbo. Nas bordas cerâmicas encontradas atribuídas à Tradição Neobrasileira[vi] predomina a decoração incisa formando motivos geométricos, entre eles: arcos secantes paralelos (fig. 9), linha em ziguezague com traços contínuos (fig. 10), linhas paralelas oblíquas, conjunto de linhas paralelas oblíquas cruzadas (fig. 11), e quadriculado com sobreposição de linhas em ziguezague (fig. 12). Também identificamos a decoração digitada no lábio. Nos sítios arqueológicos históricos em Santa Catarina, constatamos que estes recipientes foram amplamente utilizados para o cozimento de alimentos, pela observação dos vestígios de fuligem nas superfícies externas dos mesmos (COMERLATO, 1998, p. 144). Em geral, a forma destes vasilhames é globular e não ultrapassam os 40 centímetros de altura.

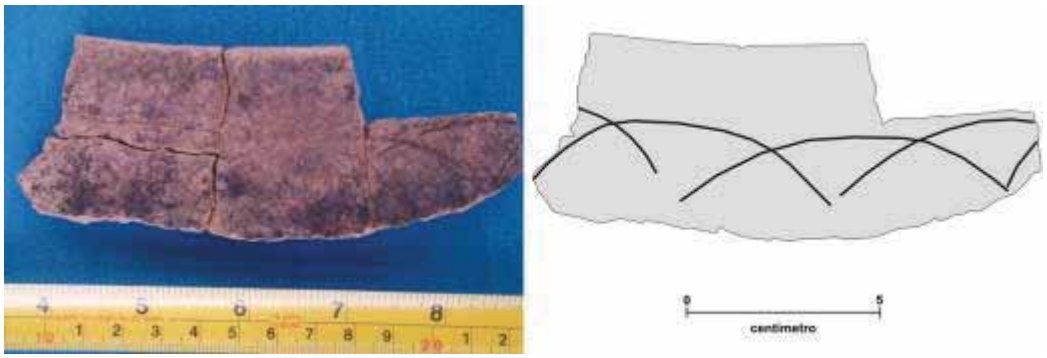

Figura 9: Fragmento de recipiente com decoração incisa em arcos secantes paralelos. Desenho: Fabiana Comerlato.

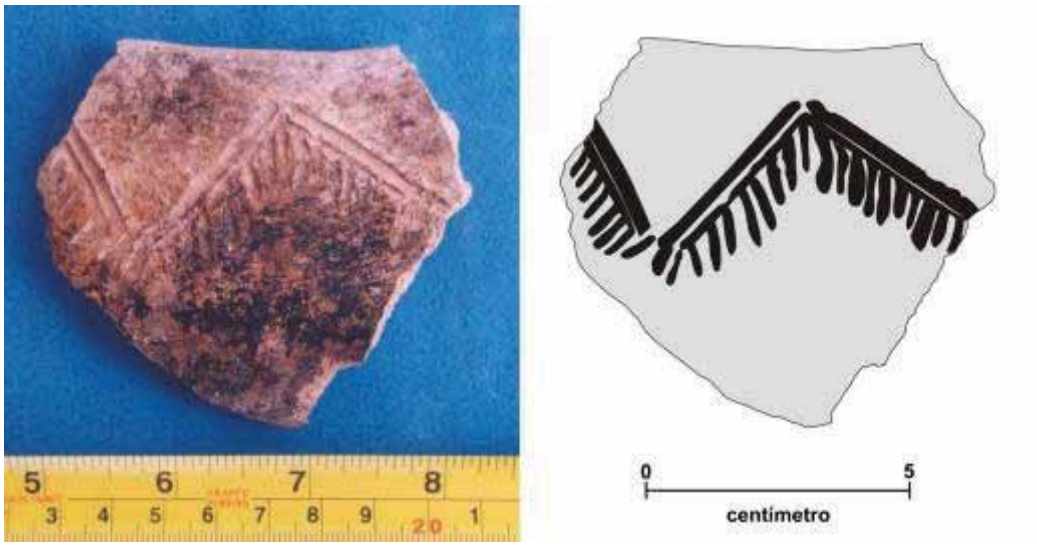

Figura 10: Fragmento de recipiente com decoração incisa em ziguezague com traços contínuos. Desenho: Fabiana Comerlato.

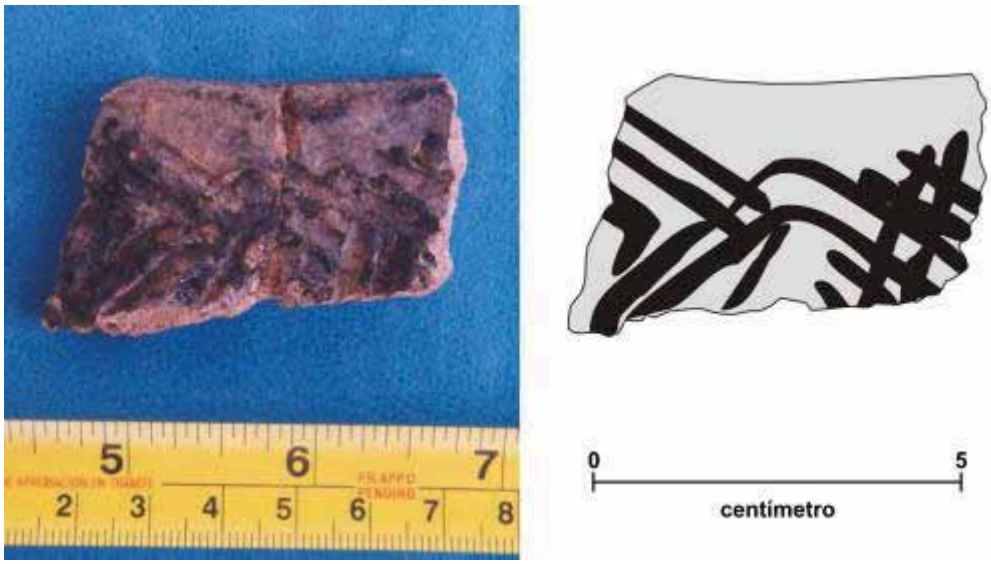

Figura 11: Fragmento de recipiente com decoração incisa de linhas paralelas oblíquas cruzadas. Desenho: Fabiana Comerlato.

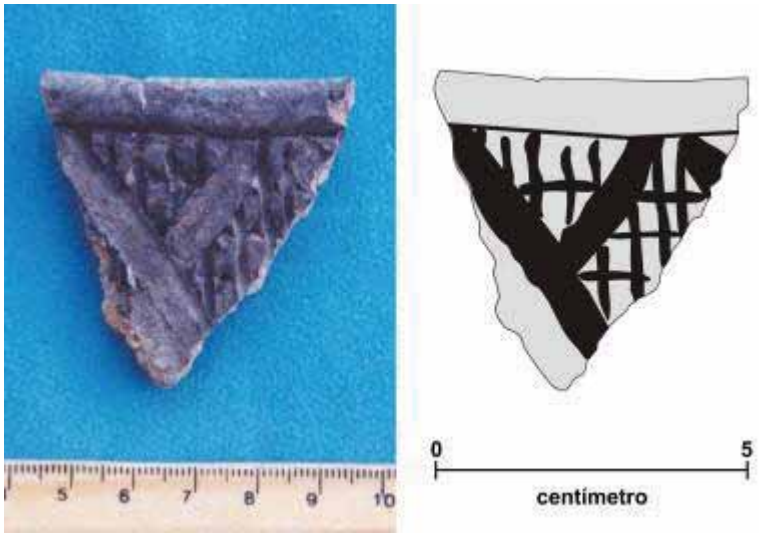

Figura 12. Fragmento de recipiente com decoração incisa em quadriculado com sobreposição de linhas em ziguezague. Desenho: Fabiana Comerlato.

Outros materiais

Do material ósseo, podemos afirmar que em sua quase totalidade é constituído de ossos de bovinos. Nos trabalhos de campo foi possível reconhecer algumas partes que apareceram de maneira recorrente, como as mandíbulas e as partes inferiores dos membros dos animais. As peças não possuíam conexão anatômica, sendo que muitas delas apresentavam

marcas de corte bem nítidas. O material ósseo bovino apareceu associado ao material cerâmico e cinzas/carvão, conformando bolsões semelhantes a áreas de descarte, lixeira. Outros materiais, como ossos e escamas de peixe e conchas (berbigão), foram encontrados em pouca quantidade e dispersos na área de escavação.

Quanto ao material vítreo, este consiste em garrafas, copo, cálice e vidros planos, nas cores branca, verde e marrom, localizados em maior quantidade no aterro e no primeiro nível.

Em relação aos materiais metálicos, encontramos objetos de uso pessoal, como alfinetes feitos de cobre. Refere-se a objetos de tamanhos variados, entre 2 e 4cm e espessura igual ou inferiores a 1,5mm. Os alfinetes são destinados ao uso doméstico, para as atividades de costura. Também foram encontrados botões de cobre, utilizados em vestimentas.

Do conjunto de materiais construtivos resgatados, têm-se os cravos, pregos e parafusos. Todavia, para todas estas peças a identificação é limitada, uma vez que se trata de objetos feitos com ligas metálicas, cujo componente principal é o ferro. Assim, no momento das escavações estes objetos se mostraram oxidados, quase que impossibilitando suas identificações.

Dos poucos cravos observados, são peças com cabeça quadrada centralizada e existem tanto com forma prismática quanto corpo piramidal (COSTA, 2005, p. 57); em ambos os casos, trata-se de objetos pequenos, com comprimento que não superam 6cm e espessura inferior a 1cm. O uso destes objetos é incerto, uma vez que a amostra coletada é pequena, bem como o contexto não permite realizar inferências desta natureza. Todavia, suas características permitem dizer que se referem a objetos manufaturados, confeccionados em oficinas de forja (COSTA, 2005, p. 51-57).

Com relação aos pregos, as peças apresentam-se com cabeça circular centralizada e de pequena dimensão, com comprimento entre 2,5cm a 3cm e espessura inferior a 3mm. Estas características permitem sugerir que se tratam de peças que deveriam ser utilizadas para preensão de madeira, semelhante àquelas utilizadas em pequenos caixotes. Todos os pregos coletados são feitos por processos metalúrgicos industriais.

Finalizando, os parafusos identificados têm cabeça fendida e pequenas dimensões, menores que 5cm; a haste é afunilada, isto é, inicia larga e termina com uma ponta, dispondo de rosca em todo comprimento. Com estas características, indubitavelmente tratam-se de objetos destinados à preensão de madeira, que seriam aplicados sem o uso de bucha. Bem como os pregos, os parafusos foram feitos por processos metalúrgicos industriais.

Pela técnica de confecção, é provável que os cravos feitos em forja configurem o conjunto mais antigo dentre os materiais metálicos destinados à preensão, sendo os pregos e parafusos feitos por processos metalúrgicos industriais mais recentes.

Com relação aos puxadores coletados, estes são peças de cobre, sendo circulares ou pegadores. Refere-se a peças pequenas com tamanhos entre 1 e 5cm que, pelas dimensões, devem ter sido destinadas a janelas, gavetas ou portas de armários e guarda-roupas. Também foram encontradas lâminas de faca e chaves.

Foram coletadas 18 moedas no sedimento superficial, entre o tabuado e um contrapiso de pedras, sedimento removido sem pesquisa arqueológica. Para a maioria das moedas não foi possível a identificação, em virtude da acentuada oxidação na superfície. Algumas moedas foram identificadas, entre elas, temos: 1 moeda de 1901; 1 moeda de bronze/alumínio do ano de 1922, comemorativa do 1º Centenário da Independência do Brasil (500 réis); 1 moeda de cupro/níquel do ano de 1934 (2000 réis); 1 moeda de bronze/alumínio do ano de 1940 (300 réis) de 2 Cruzeiros; 1 moeda de cupro/níquel do ano de 1940 (300 réis); 1 moeda de cupro/níquel do ano de 1940 (400 réis).

Além dos materiais descritos, foram encontrados botões de osso de forma circular com um furo no centro; também foram encontrados uma haste de *graffitti* e dois acessórios femininos, parte de um anel e de um pingente com incrustações.

DISCUSSÃO DOS DADOS

Quanto aos resíduos de casas e estabelecimentos comerciais, no século XVIII até a primeira metade do século XIX, era comum o descarte de lixo em terrenos baldios ou na própria via pública. O bairro, onde depois foi construída a Casa Natal de Victor Meirelles, era a Pedreira[vii], que segundo Cabral era o bairro mais sujo de Nossa Senhora do Desterro (CABRAL *apud* SILVA, 2001, p. 24 a 25).

Sobre a questão do abate e comercialização da carne bovina, Cabral relata como se desenvolvia esta atividade conturbada em Desterro. No ano de 1770, a Câmara colocou em arrematação o açougue da Vila do Desterro. Ainda neste ano, o pretendente ao monopólio prometia pagar mais por cabeça abatida, desde que fosse aceito o aumento de 50% da carne em retalho. Frente a esta proposta, o governador interferiu para que a carne fosse vendida a preço justo. Em resposta, ninguém se apresentou para arrematar a concessão e a carne desapareceu. Isto ocorreu porque a carne começou a ser vendida clandestinamente, escondida em casas. Em razão disto, a carne ficou mais cara, a Câmara não recebia seus tributos e o único beneficiário era o marchante (CABRAL, 1972, p. 20).

Em 1775, a situação piorou, já que não vinha gado do Rio Grande para as numerosas tropas situadas na Ilha de Santa Catarina. Desta forma, a matança continuou clandestinamente (CABRAL, 1972, p. 20). Em relação à venda de carne de maneira ilegal, Cabral (1972, p. 21) fala de um açougue localizado ao lado da área escavada, como pode-se perceber em sua afirmação: "Sabe-se que o açougue da rua que teve o seu nome [Rua do Açougue], também conhecida pela do Padre Domingos José, ou das Rosas, continuou a

existir e que a matança se fazia dentro dele, ali no centro da Vila, justamente nos fundos do atual edifício dos Correios e Telégrafos[viii]."

As plantas de distribuição espacial dos vestígios arqueológicos indicam a presença constante de faiança e cerâmica em todos os níveis e quadrículas escavadas. Os ossos apresentam-se em concentrações pela área escavada, predominando partes pouco atrativas para consumo humano (mandíbula e mocotó); ademais, encontram-se associados ossos bovinos cortados. O material vítreo é mais presente no nível 1, o que sugere um novo contexto, resultantes de um segundo e novo momento da residência.

Quanto à porcentagem de material arqueológico cerâmico escavado por nível nas quadrículas, predomina a presença da cerâmica sem decoração (tabela 2 e gráfico 1). Os níveis 1 e 2 apresentam valores muito próximos, ou seja, dos 26cm aos 46cm abaixo do piso apresentam a maior deposição de material, sendo que os materiais cerâmicos arqueológicos vão decrescendo quanto mais profundo for o nível.

O predomínio de fragmentos de cerâmica sem decoração corrobora com os dados históricos, em que os moradores do bairro da Pedreira nos séculos XVIII e XIX tinham baixo poder aquisitivo, incluindo grande parcela de afro-descendentes que trabalhavam em pequenos comércios e serviços. Provavelmente, este tipo de cerâmica era produzido localmente e, pelos fragmentos decorados, era feita por afro-descendentes.

Tabela 2
Quantidade de materiais arqueológicos cerâmicos por nível

Material	Aterro	Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 4
Cerâmica com decoração	6	44	52	26	13
Cerâmica sem decoração	25	980	967	567	340
Cerâmica com vidrado externo	1	11	13	10	6
Cerâmica com vidrado interno	6	239	207	143	105
Cerâmica com vidrado interno e externo	2	51	53	24	14
Faiança portuguesa e fina	28	608	412	382	133
Grés	0	1	1	0	1
Porcelana	2	18	9	6	2
Missing	0	82	44	26	21
Sem informação	2	15	12	8	10
Total	31	1024	1019	593	353

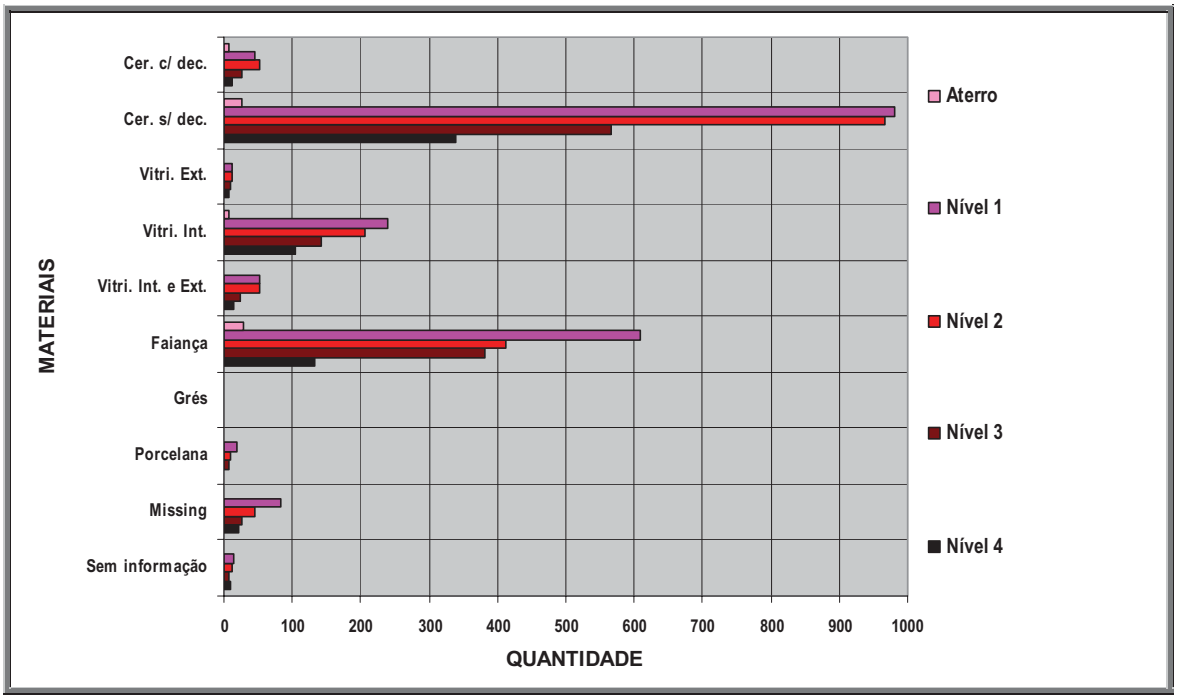

Figura 13: Gráfico de percentual de materiais arqueológicos cerâmicos por nível.

Portanto, os dados arqueológicos e históricos interpretados permitem dizer que o contexto arqueológico encontrado refere-se a três momentos distintos: um antes da construção da casa, na época da construção e os outros posteriores a construção da mesma, como pode ser observado na identificação dos contextos arqueológicos a seguir:

> *1) A camada de solo arenoso, com cinzas e com material ósseo e cerâmico era parte de um lixão de um quintal ou terreno baldio, estando relacionada ao momento que antecede a construção da unidade residencial[ix];*
> *2) Os alicerces das paredes e a soleira das portas cortam as camadas escavadas e são testemunhos do momento de construção da edificação. A única exceção é a estrutura 1 que, ao que tudo indica, não tem relação imediata com a parte estrutural da casa. Algumas hipóteses foram aventadas pelos arquitetos da 11ª SR, podendo tratar-se de uma base de uma antiga escada ou o alicerce de um balcão ou muro. Os dados arqueológicos também não permitiram maiores indícios com relação a função desta estrutura.*
> *3) Acima destas camadas de material arqueológico referente ao descarte de um açougue clandestino foi depositada outra camada relacionada ao saneamento e nivelamento do terreno (aterro) para a construção da Casa Natal de Victor Meirelles. Entretanto, este nivelamento não forma uma camada horizontal por toda a área escavada, apresentando camadas de deposição de material e sedimento, que se configuram em bolsões de lixo.*

Posteriormente, foram acrescidas camadas de aterro de barro, muito provavelmente nas reformas do assoalho da sala térrea que contém material arqueológico mais recente (segunda metade do séc. XIX e séc. XX), destacando-se a presença de moedas, pregos e vidros.

A partir do salvamento arqueológico, pelas camadas de deposição com o descarte de lixo e pelas informações históricas podemos afirmar que se trata de uma área de refugo, referente a um lixão de um açougue clandestino do final do século XVIII no bairro da Pedreira. Este tipo de contexto arqueológico, comum nos centros urbanos, é produto de práticas rotineiras, "[...] contém mostras pouco tendenciosas das atividades de seus moradores e de sua dinâmica interna. Os descartes de lixo, como ações em geral inconscientes são, por sua vez, potencialmente reveladores das estruturas subjacentes de uma sociedade." (LIMA *apud* SANTOS, 2005, p. 17).

Os dados históricos também corroboram para a interpretação do material encontrado ser fruto do descarte de um açougue, que indicam duas práticas cotidianas de abate e comercialização da carne bovina e do tratamento dos resíduos desta atividade.

Considerações Finais

As escavações na sala térrea da Casa Natal Victor Meirelles revelaram os alicerces da edificação, estruturas edificadas e camadas de sedimento com material arqueológico, sobretudo, fragmentos cerâmicos e ósseos bovinos. Esta pesquisa permitiu concluir que o material arqueológico dos níveis escavados origina-se de um açougue clandestino das últimas décadas do século XVIII no bairro Pedreira da vila do Desterro.

Ainda não se sabe a data exata de construção da casa. Contudo, os dados arqueológicos corroboram com os dados arquitetônicos para deduzirmos que o período de construção tenha sido o final do século XVIII. Em intervenções arquitetônicas próximas ao topo da escada no segundo andar da edificação, foi identificada a marcação da cumeeira da casa que inicialmente era térrea.

O material cerâmico exumado totalizou 5.874 fragmentos, com o predomínio de cerâmicas sem decoração, faiança fina e de cerâmica de torno vidrada na face interna. Pela grande quantidade de material de baixo valor monetário e de produção local (exceto faiança fina, grés), aliado às concentrações de ossos bovinos com marcas de corte e associado aos dados históricos que indicam a crise de abastecimento de carne e o aumento arbitrário do preço do retalho, podemos dizer que se trata de material de descarte relacionado às atividades de um açougue clandestino na Vila de Nossa Senhora do Desterro em meados do século XVIII.

Finalizamos relembrando que este trabalho arqueológico resultou de uma ação emergencial do IPHAN. A dimensão do contrassenso da não realização de pesquisa preventiva pode ser

vista na quantidade de informações obtidas, aqui sintetizadas, que demonstram a importância, além da obrigatoriedade, destes estudos em parceria com aqueles de caráter histórico e arquitetônico. Dados materiais únicos e não renováveis acerca da população menos favorecida do Desterro, muitas vezes negligenciada da narrativa histórica, foram obtidas a partir destas intervenções arqueológicas.

Assim sendo, este exemplo da Casa Natal de Victor Meirelles serve como alerta para a urgência de lançarmos um olhar cuidadoso sobre as inúmeras restaurações arquitetônicas em prédios de valor histórico executadas sem nenhuma pesquisa arqueológica. Não há dúvidas de que as restaurações realizadas sem intervenções arqueológicas resultam na perda de informações históricas privilegiadas, sobremaneira daqueles cidadãos que não tiveram visibilidade, cuja narrativa só poderia ser feita mediante a leitura dos registros documentos arqueológicos.

Referências Bibliográficas

ADONIAS, I.; FURRER, B. *Mapa: Imagens da Formação Territorial Brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Emílio Odebrecht, 1993.

ALGRANTI, L. M. "Famílias e Vida Doméstica". In: MELLO e SOUZA, L. de. (org.). *História da Vida Privada no Brasil - cotidiano*. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. V. 1, p. 83-155.

CABRAL, O. R. *Assuntos insulanos: contribuição ao estudo do povoamento de Santa Catarina pelos casais açorianos e madeirenses*. Florianópolis: Oficinas da Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 1948.

CABRAL, O. R. *Nossa Senhora do Desterro*. Florianópolis: Lunardelli, 1972. Memória 2.

CABRAL, O. R. *Nossa Senhora do Desterro*. Florianópolis: Lunardelli, 1979. Notícia 1.

COMERLATO, F. *Análise espacial das armações catarinenses e suas estruturas remanescentes: um estudo através da arqueologia histórica*. 1998. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: PPGH/PUCRS, 1998.

COSTA, C. A. S. Materiais construtivos do sítio da primeira Catedral do Brasil: modelos de estudos para telhas, tijolos, cravos e azulejos, aplicados aos materiais do sítio da antiga igreja da Sé, Salvador, Bahia. *CLIO – Série Arqueológica (UFPE)*, n.19. Recife: PPGARQ/UFPE, 2005, p. 43-78.

DEBRET, J. B. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. tomo II V. 3. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.

FOSSARI, T. D. (Coord.). A Pesquisa arqueológica do sítio histórico São José da Ponta Grossa. *Anais do Museu de Antropologia 1987/1988*. Florianópolis: UFSC, n. 19. 1992.

HERBERTS, A. L. Material Cerâmico. In: *Scientia ambiental. Projeto de resgate arqueológico na área diretamente afetada da UHE Quebra-Queixo, SC. Relatório Final*. Florianópolis, maio de 2002. Pp. 93-155.

IPHAN. Brasil. *Museu Victor Meirelles – 50 anos*; catálogo de obras. Textos: SOUZA, A. M. de; VOGEL, D. e MALLMANN, R. Apres. Dalmo Vieira Filho e Lourdes Rossetto. Florianópolis: Tempo Editorial, 2002.

SAINT-HILLAIRE. *Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

SANTOS, P. A. da G. *Contentores de bebidas alcoólicas: Usos e significados na Porto Alegre oitocentista*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: PPGH/PUCRS, 2005.

SILVA, A. N. da. *Ruas de Florianópolis. Resenha Histórica*. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1999.

SILVA, H. S. M. da. *Carroceiros, quitandeiras, marinheiros e outras agências: Trabalho e sobrevivência de africanos e afrodescendentes em Desterro na década da abolição*. Trabalho de conclusão de curso de História. Florianópolis: UDESC, 2001.

SOUZA, A. M. de. *Guia de Bens Tombados, Santa Catarina*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1992.

SOUZA, A. M. de. *Dicionário de Arqueologia*. Rio de Janeiro: Adesa, 1997.

TOCCHETTO, F. B. Uma construção possível sobres práticas e representações de grupos domésticos da Porto Alegre Oitocentista. *Revista de Arqueologia / Sociedade de Arqueologia Brasileira*. N. 12-13 (1999-2000). São Paulo: SAB. Pp. 55-71. 2001.

TURAZZI, M. I. (org.). *Victor Meirelles – novas leituras*. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

VEIGA, E. V. da. *Florianópolis: Memória Urbana*. Florianópolis: Editora da UFSC e Fundação Franklin Cascaes, 1993.

VEIGA, E. V. da. *Florianópolis: Memória Urbana*. 2. ed. rev. e ampl. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 2008.

Notas

[i] As escavações aconteceram no mês de julho de 2001, como ação da 11ª Superintendência Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional de Santa Catarina (11ª SR/IPHAN/SC), que financiou os custos operacionais e o material de consumo, além de fornecer quatro bolsas na duração de um mês para estagiários. Porém, o salvamento não seria possível sem a colaboração de voluntários: arqueólogos, estudantes, funcionários do museu, dentre outros. Para os alunos do curso de História da UFSC e da UDESC, esta foi uma oportunidade de aprender na prática a teoria de sala de aula. O trabalho em conjunto resultou em um esforço mútuo de dezesseis participantes na etapa do trabalho de campo, em uma escala de trabalho adaptada a cada dia.

[ii] Eliane Veras da Veiga, 2004

[iii] SPHAN: Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

[iv] Palavra de origem do inglês que significa perdido, ausente, que falta (HERBERTS, 2002, p. 96)

[v] No tomo segundo de Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil, aparece esta forma de moringa nas seguintes pranchas: Vasilhames de madeira; O jantar no Brasil; O passatempo dos ricos depois do jantar; Os refrescos do Largo do Palácio; Lojas de barbeiros e Mercado da Rua do Valongo.

[6] "Uma tradição cultural caracterizada pela cerâmica confeccionada por grupos familiares, neobrasileiros ou caboclos, para uso doméstico, com técnicas indígenas e de outras procedências, onde são diagnósticas as decorações: corrugada, escovada, incisa, aplicada, digitada, roletada, bem como asas, alças, bases planas em pedestal, cachimbos angulares, discos perfurados de cerâmica e pederneiras (PRONAPA, 76)." (SOUZA, 1997, p. 130).

[vii] "O nome "Pedreira" é atribuído a quantidade de pedras que havia na sua topografia. Seu espaço comportava as ruas da Conceição, da Cadeia, Augusta e da Pedreira. Respectivamente, são as atuais ruas Saldanha Marinho e Victor Meireles." (SILVA, 2001: 25).

[8] O Museu Victor Meirelles faz frente com a esquina da parte de trás do prédio sede dos Correios de Florianópolis.

[ix] A morada colonial do campo ou da cidade não se restringia à construção principal. Segundo Leila Mezan Algranti: "Quintais, jardins, pomares e hortas, além de anexos, estes cobertos de telhas ou palha, eram geralmente circundados por muros baixos que delimitavam o espaço doméstico." (1997, p. 91).